

SUPERAÇÃO PÓS-DESASTRE

Mulheres reinventam-se para geração de renda

NATÁLIA MIRANDA

EM meio a um ano castigado por perdas económicas, residências e outros bens, provocadas pelo ciclone Eloise, recordando outros eventos naturais similares cujos rastros ainda são visíveis, seria natural não esperar um balanço positivo de pessoas, sobretudo, de mulheres.

Contrariando todas as expectativas, houve quem soube ajustar o sofrimento e encontrar novas oportunidades para geração de rendimentos e garantir a sua recuperação e sobrevivência.

A reportagem do "Notícias" conversou com algumas mulheres do mercado Gorjão, na baixa da cidade da Beira, "sobreviventes" do "Eloise" e outros ciclones que antes devastaram a capital provincial de Sofala, "Idai" e "Chalane". Estas contaram o sofrimento que passaram e as perdas que tiveram durante a passagem das intempéries, bem como o que tiveram de fazer para superar e ultrapassar as situações.

Maria Madalena, por exemplo, vendedora de esculturas há mais de 10 anos naquele mercado, teve parte da sua casa destruída e perdeu seus bens.

Sua banca caiu e muitas esculturas quebraram-se. A destruição da sua principal fonte de renda agravou a sua condição, deixando-a numa situação difícil, sem saber por onde começar.

Mãe de três filhos, Maria Madalena referiu que os primeiros momentos foram os mais difíceis para si e sua família.

Notícias, Mulher, 08.10.2021, Pág.02 Ed. nº 31. 424



Maria Madalena

locou-as à venda, desta vez, com muita ansia de conseguir alguns valores.

Para sua sorte, segundo disse, após o ciclone muitos estrangeiros entraram na cidade da Beira e o seu negócio ganhou algum impulso.

Maria Madalena explicou que, com estes dois negócios, aos poucos tem conseguido reconstruir a parte da sua casa destruída pela tempestade ciclónica, assim como garantir o seu sustento.

Questionada se beneficiou de algum tipo de apoio para esta superação, respondeu que "infelizmente" não recebeu nada. A sua recuperação foi mercê ao seu esforço e dedicação.

Cecília Adriano, outra entrevistada, contou que sua casa, de construção precária, desabou durante a passagem

do ciclone Eloise, lembrou os momentos difíceis pelos quais passou e, como até hoje, não conseguiu superar as dificuldades impostas pela situação.

Por sua vez, Anita Charre, outra mulher que também viu

a sua residência e banca destruídas aquando da passagem do ciclone Eloise, lembrou os momentos difíceis pelos quais passou e, como até hoje, não conseguiu superar as dificuldades impostas pela situação.



FOTOS DE A. GOMBE

ção.

Contou que com a perda da casa e banca, onde vendia refeições, a sua vida deu uma verdadeira cambalhota. Passou por muitas necessidades, durante vários meses, e sem apoio de ninguém.

Revelou que após perder tudo, ficou sem dinheiro para dar continuidade ao seu negócio, por forma a garantir o sustento de seus netos órfãos, assim como reerguer a casa.

Tornou-se então vendedora ambulante de plásticos até juntar uma soma que a permitiu abraçar outro negócio mais rentável.

"Ao fazer esse negócio sofria assédios na rua, os homens até zombavam de mim e perguntavam se não tinha marido que pudesse garantir o meu sustento. Mas não parei, continuei até alcançar o que queria", afirmou.

Quando conseguiu o valor, tornou-se vendedora de hortícolas e outros produtos afins. É com isso que garante a sua sobrevivência e, aos poucos, está a reconstruir a sua casa.



Rosa António: "A Covid-19 agravou as nossas dificuldades"

Pandemia ameaça retroceder avanços

MULHERES entrevistadas pelo "Notícias" apontaram que a pandemia da Covid-19 agrava a sua situação de vulnerabilidade e ameaça atrasar os avanços conseguidos na recuperação pós-ciclone.

Luísa Armando, com banca no mercado Gorjão, disse que desde a eclosão do novo coronavírus reduziu bastante a afluência de clientes, e consequentemente baixou a receita.

Explicou que para conseguir vender seus produtos, as pessoas viram-se obrigadas a traçar novas estratégias, como a venda porta-à-porta, contrato com clientes e entre outras formas, de modo a garantir a continuidade dos seus projectos de recuperação.

Rosa António, outra vendedora, lamentou o facto de estar a ver o seu negócio ruir, devido à pandemia da Covid-19, e temer que não consiga encontrar outras formas ou oportunidades de gerar renda e se recuperar dos estragos causados pelo ciclone.

Também Maria Madalena admite que a Covid-19 veio travar os esforços de muitas mulheres para se livrarem dos



Luísa Armando

rastos deixados pelos vários desastres naturais que atingiram a cidade nos últimos dois anos.

Explicou que actualmente é impossível vender e comprar como antes, pelo facto de os preços terem subido e não permitir que pessoas com poucas condições continuem com suas actividades.

A vendedora de esculturas teve de criar novas estratégias que pudessem dar uma maior visibilidade ao seu negócio,

nestes tempos de pandemia. Uma delas foi expor suas esculturas nas redes sociais e/ou outras plataformas digitais.

Referiu que esta opção deu um impulso nos seus ganhos, contribuindo para o alcance das suas metas na recuperação pós-desastre.

Maria Madalena espera que nos próximos meses a situação melhore e permita que mais mulheres dêem um outro rumo às suas vidas e alcancem os objectivos que almejam.

destruição da sua principal fonte de renda agravou a sua condição, deixando-a numa situação difícil, sem saber por onde começar.

Mãe de três filhos, Maria Madalena referiu que os primeiros momentos foram os mais difíceis para si e sua família, pois não tinham onde buscar ajuda. Toda gente viveu o ciclone e enfrentava a mesma situação e cada um lidava com as suas próprias perdas.

Não lhe restavam muitas opções se não encontrar ideias para reverter o cenário que vivia.

A comerciante disse que uma das formas que encontrou foi instalar uma banca alternativa no quintal da sua casa para a venda de produtos de primeira necessidade, adquiridos com o único valor que lhe restava.

Também foi ao mercado e dos escombros da sua banca recolheu as esculturas quebradas. Remodelou-as e co-

está superação, respondeu que "infelizmente" não recebeu nada. A sua recuperação foi mercê ao seu esforço e dedicação.

Cecília Adriano, outra entrevistada, contou que sua casa, de construção precária, desabou durante a passagem do ciclone. Agradece não ter havido mortes. Na altura do incidente, encontrava-se com a sua filha de três meses de vida e um menor de seis anos.

Teve ajuda de vizinhos, que cederam um anexo para viver. Ficou aqui por três meses, período em que procurou e conseguiu reconstruir a sua residência.

Hoje, quase um ano depois do "Eloise", Cecília Adriano e sua família vivem na cabana que foi construída com as chapas de zinco apanhadas na rua logo depois da tempestade, sem apoio de parentes ou do governo.

Para tentar superar as dificuldades, Cecília tornou-se vendedeira de frutas no mer-